



O Desafio do Evangelismo

E. G. White

As últimas palavras de Cristo a Seus discípulos foram: “Eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação do séculos. Portanto ide, ensinai todas as nações.” Esta comissão dirige-se a nós também. Somos ordenados a ir como mensageiros de Cristo, para ensinar, instruir e persuadir homens e mulheres, apelando para que atentem para a Palavra de vida. Também nos é dada a certeza da constante presença de Jesus. Sejam quais forem as dificuldades com que nos tenhamos de defrontar, sejam quais forem as provações que tenhamos de suportar, sempre será para nós a misericordiosa promessa: ‘Eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos.’ ...

Estamos agora vivendo as cenas finais da história deste mundo. Tremam os homens com a noção da responsabilidade de conhecer a verdade. São chegadas as cenas finais do mundo. Os que considerarem devidamente estas coisas serão levados a fazer inteira consagração a seu Deus, de tudo quanto possuem e são. ...

Repousa sobre nós a pesada responsabilidade de advertir o mundo quanto ao juízo iminente. De todas as direcções, de longe e de perto, ouvem-se os pedidos de auxílio. A igreja, inteiramente consagrada ao seu trabalho, deve levar a mensagem ao mundo: Vinde ao banquete do evangelho; a ceia está preparada, vinde. ... A obra evangelística, de abrir as Escrituras aos outros, advertindo homens e mulheres daquilo que está para vir ao mundo, deve ocupar mais e mais o tempo dos servos de Deus. ... Como povo, precisamos grandemente de humilhar o coração perante Deus, rogando-Lhe o perdão pela nossa negligência no cumprimento da comissão evangélica. Estabelecemos grandes centros em alguns poucos lugares, deixando por trabalhar muitas cidades importantes. Assumamos agora o trabalho que nos é designado e proclamemos a mensagem que há-de despertar homens e mulheres, levando-os a reconhecer o seu perigo. Se cada adventista do sétimo dia houvesse feito o trabalho que lhe foi confiado, o número de crentes seria hoje muito maior do que é. ...

Os exércitos de Satanás são muitos, e o povo de Deus deve espalhar-se por todo o mundo, erguendo o estandarte da verdade nos lugares entenebrecidos da Terra e

fazendo tudo quanto for possível para destruir o reino de demónio. O Senhor determinou que a proclamação desta mensagem fosse a maior e mais importante obra no mundo, para o presente tempo. ... De vila em vila, de cidade em cidade, de país em país, a mensagem de advertência deve ser proclamada, não com ostentação exterior, mas no poder do Espírito, por homens de fé. É necessário que lhe dediquemos o melhor trabalho. Chegou o tempo, o importante tempo, em que, mediante os mensageiros de Deus, o pergaminho se desenrola perante o mundo. A verdade contida nas mensagens do primeiro, segundo e terceiro anjos precisa de ser proclamada a toda a nação, tribo, língua e povo; deve iluminar as trevas de todo o continente e estender-se até às ilhas do mar. Deve haver os mais sábios planos para o bom êxito do trabalho. Devem ser feitos decididos esforços para que sejam abertos novos territórios no Norte, no Sul, no Oriente e no Ocidente. O facto de que a apresentação da verdade tem sido, por tanto tempo, negligenciada, deve tocar o coração de nossos ministros e obreiros, para que entrem nesses territórios e não abandonem o trabalho antes de terem proclamado com clareza a mensagem. ...

Os lugares em que a verdade nunca foi proclamada são os melhores para trabalhar. A verdade deve tomar posse da vontade daqueles que nunca a ouviram. Eles verão a maldade do pecado, e seu arrependimento será completo e sincero.

Cidades e mais cidades me foram apresentadas, em necessidade de trabalho evangelístico. Se tivesse havido diligente esforço na obra de tornar a verdade para este tempo conhecida, nas cidades que não estão advertidas, elas não estariam agora impenitentes como se encontram. Da luz que me foi outorgada, sei que poderíamos ter hoje milhares mais se regozijando na verdade, se o trabalho tivesse sido realizado conforme o exige a situação. ...

Onde estão os homens que sairão ao trabalho, confiando inteiramente em Deus, prontos a agir e a enfrentar as situações?

NESTE NÚMERO

2 Projecto Escola de Lisboa

Por Juvenal Gomes

3 Assembleias - II

Por J. Morgado

4 Três Pecados Castigados com Lepra

Por Orlando Albuquerque

6 Sete Grandes Factos Relacionados com as Ofertas

Por Juvenal Gomes

7 Um Povo de Profecia

Por Hans LaRondelle

9 Juventude

14 Medicina Natural

Por Prof. Dr. Jochen Hawlitschek

16 Ellen G. White: Sua Vida e Obra

Por M. N. Cordeiro

19 Notícias

Projecto Escola de Lisboa

Como é do conhecimento de todos os irmãos, muitos, por observação directa, outros por informações, através desta Revista, e todos pelo muito que foi falado, ao longo do 1.º trimestre de 1992, através do boletim missionário na hora da Escola Sabatina, o edifício em que se encontra instalada a escola que serve a área de Lisboa encontra-se num estado de extrema e lamentável degradação. Todos os anos, a União tem ali "enterrado" centenas de milhares de escudos, tentando, por todas as formas, evitar que o pior aconteça, como seja o de cair o estuque do tecto no momento em que as classes estão a funcionar, ou que um aluno, inadvertidamente, pise uma parte do soalho que ceda ao seu peso e provoque um acidente de incalculáveis consequências. A necessidade de alterar este estado de coisas é não só imperiosa como urgente.

De há muito que a União vem desenvolvendo esforços no sentido de transformar aquele edifício numa escola digna, atraente, que honre o nome da nossa igreja, e se coadune, minimamente, com a nossa filosofia de educação. Há, pelo menos, dois anos que um projecto de remodelação e ampliação foi apresentado à Câmara Municipal de Lisboa. Aguardamos, a todo o momento, a neces-

sária "luz verde" para podermos avançar.

A administração da União, por diversas vezes, tentou sensibilizar a Divisão para uma ajuda financeira, sem a qual este audacioso projecto não passaria de um sonho. Felizmente, fomos ouvidos. Uma parte da resposta, por parte da Divisão, veio através dum terço do excesso da oferta do 13.º Sábado do 1.º trimestre de 1992. Ainda não sabemos, exactamente, a quanto montará esse terço. Mas sabemos qual foi a resposta das igrejas em Portugal. A tesouraria da União registou como oferta do 13.º Sábado, recolhida no último sábado de Março de 1992, até este momento, a importância de Esc. 3.362.586\$00, o que corresponde ao aumento de 332% em relação à oferta média do 13.º Sábado. Além desta importância, recebeu a União a soma de Esc. 4.176.692\$90 de várias igrejas e de alguns irmãos, que se destina exclusivamente ao projecto da escola de Lisboa. Por este enorme esforço estamos agradecidos a todos. Que Deus abençoe grandemente a vossa generosidade e vos dê, por isso, muitas alegrias.

Juvenal Gomes

Secretário-tesoureiro da União Portuguesa

PENSAMENTO DO MÊS

«Levar os homens à aceitação de Cristo como Salvador e Senhor é a única razão de os cristãos terem sido deixados no mundo.»

R. A. Torrey

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Junho de 1992 — Ano L • N.º 543

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. (01) 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 950\$00
Número Avulso 95\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. (044) 402413
Fax: (044) 401575

Depósito Legal n.º 2705/83



Assembleias - II

O movimento da Missão Global lançado no momento da Conferência Geral de 1990 é um desafio colocado à Igreja para um envolvimento total no plano da evangelização.

A razão de ser da igreja é levar “este evangelho do reino” a todas as raças, e isto pressupõe uma acção que vá envolvendo todo o mundo.

Mas a Missão Global deve começar por uma acção dinamizadora dos membros, dos jovens e das crianças das nossas igrejas.

Um dos propósitos das Assembleias é, pois, fazer planos para o futuro. Há um campo muito vasto sobre o qual os delegados à Assembleia se devem debruçar e estabelecer planos para os próximos cinco anos.

Desafio os meus prezados colegas, membros e jovens a juntos lançarem ideias e planos que possam revolucionar as acções da Missão Global a partir de agora.

Penso que se deveria usar o maior tempo possível para planear, planear...

Conforme faz parte dos nossos Estatutos, uma comissão de planos e resoluções será escolhida. Pessoalmente, lembraria a vantagem de dentro dessa comissão haver subcomissões para estudar os problemas e planos da juventude; outra para o trabalho da rádio; outra para o trabalho da Assistência Social, Publicações etc. Seria um trabalho mais rápido e fecundo.

Uma vez reunidos os relatórios destas subcomissões, teríamos um bom plano a apresentar à Assembleia. Algumas igrejas enviaram já algumas propostas que serão enviadas às respectivas comissões.

Um outra comissão é a dos Estatutos. Penso que há uma ideia errada sobre os Estatutos. Não é possível andar, em cada Assembleia, a mudar os Estatutos. É uma acção que não é fá-

cil e, por isso, não deveríamos enviar novas ideias por melhores que sejam. Há que esperar uns anos para colher experiência das modificações feitas e então enveredar por um novo caminho. Infelizmente, algumas determinações oficiais obrigarão possivelmente a modificar um ponto ou outro, mas temos que nos habituar a considerar os Estatutos como uma espécie de “constituição” que não deve sofrer modificações frequentes. O trabalho da legalização dessas modificações é muito difícil e moroso.

Desejaríamos igualmente lembrar o método de votação. O processo de votação já consignado nos Estatutos da Conferência Geral é o de pôr “o braço no ar”. Foi o processo posto em prática na última Conferência Geral. É aquele que está consignado nos nossos Estatutos.

Vejamos o caminho normal dum voto. Apresentado o assunto, é perguntado se alguém propõe o seu estudo. Havendo alguém, ouvem-se as observações a favor ou contra. Não devemos perder muito tempo a dizer se estamos de acordo ou não; isso acontecerá no momento da votação. Devemos, sim, contribuir com elementos que possam melhorar o voto. Posto o assunto à votação, recebamos com espírito cristão o que a maioria votar, mesmo que não estejamos de acordo com a proposta vencedora.

Normalmente há sempre a vontade de falar e não esperamos uns pelos outros. Deus não é um Deus de confusão e, por isso, como Seus filhos, também o não deveríamos ser.

Outro ponto que cada delegado deveria ter em atenção é que somente os assuntos que fazem parte da agenda serão estudados. Não pode um delegado, à última da hora, lembrar-se de propor algo, mesmo que lhe pareça muito importante. Foi dada a oportunidade às igrejas, através dos

seus conselhos, de apresentarem os assuntos que julgassem úteis estudar.

Procuraremos lembrar algumas destas ideias no começo das Assembleias, mas é necessário que nos capacitemos dos nossos deveres e privilégios como delegados à Assembleia da União.

Na apresentação dos relatórios dos vários departamentos usaremos unicamente o tempo necessário, de modo a deixar tempo para falar do futuro. Para isso pedimos a cada delegado para ler com atenção os relatórios que estarão na sua pasta e para anotar as perguntas ou observações que desejar fazer. Isto far-nos-á ganhar muito tempo.

Dentro de alguns dias os irmãos/ãs delegados receberão a indicação do lugar onde ficam instalados. Este ano não é possível o fornecimento de alimentação no Colégio. Era muito demorado e as condições não eram boas. Cada um receberá uma verba que utilizará conforme achar melhor.

Creio, meus prezados irmãos, que é necessário uma profunda preparação espiritual para obtermos os resultados que desejamos. Faz parte da comunidade de oração para este trimestre orar pelas Assembleias da nossa União. Por isso, devemos fazer delas tema diário de oração, a fim de que seja verdadeiramente uma assembleia espiritual em que sintamos o Espírito de Deus guiando-nos em todas as coisas.

O lema das Assembleias será: “Pelo Seu Espírito”. E isto revela bem a certeza que possuímos de que, com o Espírito de Deus guiando-nos, a Sua obra avançará e alcançará a vitória.

J. Morgado

Presidente da União Portuguesa

Três Pecados Castigados com Lepra

“Porque tudo o que dantes foi escrito, para o nosso ensino foi escrito, para que, pela paciência e consolação das escrituras, tenhamos esperança”
(Romanos 15:4).

A Santa palavra de Deus está repleta de conselhos, advertências, ameaças e promessas. Essas mensagens, inspiradas por um Deus justo que nos ama, ficaram registadas para serem a lâmpada dos nossos pés e a luz dos nossos caminhos. É do estudo da Sagrada Palavra que resulta sermos agraciados com a sabedoria do Alto, que pode tornar-nos sábios para a salvação.

Com o propósito de aprendermos mais, estudemos três episódios relatados na Palavra de Deus, todos eles envolvendo pessoas com uma experiência religiosa invulgar, mas que por motivos diferentes foram castigadas com a lepra.

Os leprosos eram considerados pessoas amaldiçoadas por Deus. Ficar leproso implicava uma série de alterações e mudanças na vida do doente e da família, e o banimento do lar e da sociedade era uma experiência traumatizante, desesperante. A severidade do castigo que Deus aplicou fala da enormidade das faltas que exigiram esse castigo.

Miriam

A primeira referência a Miriam está implícita em Êxodo 2:4. Os ver-

sículos seguintes descrevem a sua acção, sem dúvida sob a guia do Espírito Santo, e mostram uma adolescente perspicaz, decidida e confiante. Considerando que o Espírito Santo só é concedido aos que obedecem a Deus, temos que admitir que ela era uma crente fervorosa. No lar em que nasceu não deviam faltar problemas, pois eram escravos, mas era também um lar onde reinavam o amor e a fé.

Em Êxodo 15:20, temos outra referência a Miriam, agora com 92 anos de idade, dona de uma experiência religiosa respeitável, pois é chamada “Miriam, a profetisa”, liderando com dinamismo as mulheres no cântico de louvor pelo livramento.

O facto de ser a primogénita e de ter sido o instrumento de que Deus Se serviu para tocar no coração da filha do faraó, o facto de ter mantido firmeza na fé e ter desenvolvido uma profunda experiência de comunhão com Deus, tudo isso devia dar um certo peso à sua palavra e aos seus conselhos. E porque a sua influência deve ter diminuído com a chegada de Zípora ao acampamento, o ciúme e a inveja alojaram-se no seu coração. Não obstante saber o que acontecera aos que se opuseram a Moisés, e saber do desagrado de Deus contra os que contestavam a legitimidade da sua liderança, ela mesma abrigou em seu íntimo sentimentos reprováveis e falou contra Moisés. “E o senhor o ouviu” (Números 12:2).

O Senhor perguntou-lhe, e a Aarão, a quem aliciara: “Por que, pois, não tiveste temor de falar contra o meu servo, contra Moisés?” (v. 8).

A ira de Deus manifestou-se contra eles e o sinal do desagrado divino estava patente: “Miriam era leprosa” (v. 10).

Ao sentir-se naquela condição trágica, como se fora um natimorto cujo corpo estivesse já em decomposição no ventre materno, ouviu a humilde súplica de Aarão em seu favor e a fervorosa oração de intercessão daquele contra quem falara. Lágrimas de profundo arrependimento devem ter deslizado pelas suas faces carcomidas e desfiguradas pela lepra. Aos seus ouvidos chegou a voz solene de Deus, dando-lhe o perdão e a cura, mas impondo que ficasse sete dias fora do arraial, não se desse o caso de um rápido perdão fazer esquecer a gravidade do pecado que cometera. “Assim, Miriam esteve fechada fora do arraial sete dias, e o povo não partiu até que recolheram a Miriam” (v. 15).

A permanência de Miriam fora do arraial mostrou ao povo o desagrado de Deus. Depois de recolhida, com que sentimentos de humildade não passaria pelas ruas do acampamento aquela que fora uma das três pessoas mais importantes daquele povo! E, enquanto a esperavam, quase dois milhões de pessoas ficaram paradas, com tempo para pensar no que acontecera. A marcha progressiva do povo de Deus foi retardada por causa do seu pecado.

Geazi

O servo de Eliseu era um homem de fina sensibilidade e com especial interesse pelos seus semelhantes. Quando Eliseu, reconhecido pela delicadeza e nobre hospitalidade que lhe dispensava a família rica de Suném, decidiu pedir a Deus uma bênção especial para a recompensar, Geazi lembrou ao profeta que o problema maior daquele lar deveria ser o não terem filhos (II Reis 4:8-14). Porque

não pedir a Deus que lhes desse um filho? O milagre aconteceu, e um filho veio alegrar o casal.

Alguns anos depois, quando a criança já era crescida, adoeceu de morte. A mãe, aflita, correu ao profeta em busca de socorro, e Geazi foi encarregado de passar adiante e colocar o bordão de Eliseu sobre o rosto do menino. Correu a desempenhar-se da sua tarefa com diligência, mas muito em breve estava de volta com a informação de que o menino não havia despertado. Esse modo de agir evidencia um homem que sabia cumprir a sua obrigação sem delongas, mas que conhecia as suas limitações e não hesitava em buscar auxílio quando fracassava.

Geazi sabia — e quem o não sabia em Israel? — que Eliseu recebera a capa de Elias, capa que este deixara cair quando fora arrebatado ao céu num carro de fogo. Sabia também que o novo profeta curara as águas más e a terra estéril de Jericó. Sabia ainda que duas ursas saídas do bosque tinham despedaçado quarenta e dois rapazes que zombavam de Eliseu por ser calvo. E mais: Geazi sabia que um milagre extraordinário tinha acontecido na guerra em que se envolveram os reis de Judá e de Israel e de Edom contra Moabe, milagre que fora a resposta de Deus à intercessão de Eliseu. Geazi sabia que o azeite da viúva fora multiplicado por Deus em resposta à fé obediente que ela manifestara nas instruções do profeta. E quando essas coisas extraordinárias aconteceram, não teria sido o próprio Geazi o portador das mensagens de Eliseu, dos seus conselhos ou das suas instruções? Não foi ele enviado para agir no caso do filho daquela mulher rica de Suném? Não teria sido Geazi aquele que pusera a panela grande ao lume para fazer um caldo de ervas para os filhos dos profetas? É provável também que tenha sido ele quem questionou o profeta sobre a coerência de tentar saciar cem jovens famintos com apenas vinte pães de cevada, e viu outro milagre!

Naquela ocasião, carregada de intensidade dramática, quando a comitiva sumptuosa do arrogante siro Na-

mã veio comprar a peso de ouro a cura para a sua terrível e repugnante doença, Geazi viu os dois milagres que tiveram lugar. Viu restaurada a parte do corpo carcomida pela lepra: nem manchas nem cicatrizes a denunciarem onde estivera a doença, mas apenas que “a sua carne tornou, como a carne de um menino, e ficou purificado” (II Reis 5:14). Mas Geazi viu também o outro milagre, aquele que é resultado da actuação do Espírito Santo no íntimo, quando Deus tira o coração de pedra e coloca no lugar um coração de carne. Ele viu o orgulhoso e idólatra Naamã tornar-se o menino novamente nascido que confessou: “Eis que tenho conhecido que em toda a terra não há Deus senão em Israel” (v. 15). Ele viu o orgulho dar lugar à humildade quando Naamã obedeceu à ordem do profeta e se banhou sete vezes nas águas barrentas do Jordão.

E, quando movido pela cobiça, correu por um alto atalho para perseguir o engalanado carro de Naamã, ele teve a certeza de que o milagre da conversão não era espúrio: o general Naamã, “grande homem diante do seu Senhor e de muito respeito” (v. 1), “saltou do carro a encontrá-lo, e disse-lhe: vai tudo bem?” (v. 21)

Esquecido de toda a sua experiência, com os olhos e coração postos na riqueza fabulosa que o profeta recusara do siro, Geazi mentiu para se asenhorar de dois talentos de prata e duas mudas de vestidos. Esqueceu o grito angustiado de muitos: “Quem nos mostrará o bem?” E não se lembrou da resposta que todo o servo de Deus deve dar a esse clamor: “Senhor, exalta sobre nós a luz do teu rosto” (Salmo 4:6).

O Senhor não se agradou da conduta do seu servo e puniu-o severamente, pois “saiu de diante dele leproso” (II Reis 5:27). Geazi atraiu sobre si e sobre a sua família as consequências do seu modo de agir errado.

Uzias

Uzias tinha apenas 16 anos de idade quando seu pai foi assassinado e o povo da terra o fez rei (II Crônicas 26:1).

Sabedor do que tinha sido a apostasia do pai, que o levava a fazer coisas desagradáveis aos olhos de Deus, coisas que suscitaram a ira dos servos, a ponto de o matarem, o jovem monarca “deu-se a buscar a Deus”. Seguiu cuidadosamente as instruções do profeta Zacarias, e Deus o fez prosperar em tudo quanto fazia (v.5). O seu gado era muito, as suas colheitas de cereais eram abundantes, as suas vinhas produziam a fartar. As fortalezas que edificava, os armamentos que equipavam os seus exércitos, as vitórias nas campanhas militares que empreendia, a sua prosperidade e riqueza, tudo isso fez que o seu nome chegasse até à fronteira do Egito (v.8). Os anos passaram, “e a sua fama voou até muito longe; porque foi maravilhosamente ajudado, até que se tornou forte” (v. 15).

Um dia começou a crescer dentro do coração do rei famoso a ideia de que ele poderia ser, não apenas o chefe militar temido, o político sagaz respeitado, o administrador competente, o rei justo e amado, mas também sacerdote de Deus. Já era chefe de estado, presidente do supremo tribunal de justiça, ministro das finanças, da economia e da agro-pecuária, comandante-chefe das forças armadas, mas não era chefe religioso. Não era a sua grandeza resultado da bênção de Deus? Como seria ele o maior no seu reino, que Deus tão grandemente abençoara e fizera prosperar, se no reino havia algo que lhe era vedado fazer?

Que meandros sinuosos percorria o seu pensamento, podemos apenas inferir pelo que diz a Sagrada Escritura: “Mas, havendo-se já fortificado, exaltou-se o seu coração até se corromper” (v. 16). Acontecera assim com Lúcifer, que, por isso, se tornou Satanás. Uzias esqueceu-se da trágica experiência daquele que fora querubim ungido, que andava entre pedras afogueadas, mas cujo coração fora corrompido pelo orgulho (Ver Isa. 14:12-14; Ezeq. 28:13-17).

Uzias “entrou no templo do Senhor para queimar incenso no altar do incenso” (II Crón. 26:16). O sumo sacerdote Azarias e mais oitenta sa-

cerdotes entraram no magnífico e resplandecente templo de Salomão para resistirem ao intento do rei. Cego pelo orgulho, ferido no seu amor-próprio ao ver contestada a legitimidade da sua conduta, enlouquecido pelo insopitado desejo de exaltação própria, incapaz de pensar porque a paixão o controlava, Uzias não percebeu na resistência dos sacerdotes o último apelo de Deus para o poupar ao castigo severo que lhe seria aplicado, se não se arrependesse e parasse a tempo.

Diz o relato bíblico que Uzias “se indignou”: “Indignando-se ele, pois, contra os sacerdotes, a lepra lhe saiu à testa perante os sacerdotes, na casa do Senhor, junto ao altar do incenso” (v. 19).

A única vez que a Sagrada Escritura diz que o homem é tido “totalmente por imundo” é quando se refere àquele cuja lepra está na sua cabeça (Lev. 13:44). Uzias sentiu que a mão de Deus o ferira. Entrara no templo cheio de orgulho e de confiança própria, como rei. Saiu humilhado e em desespero, como banido, de posto, indigno de ocupar o trono.

Os últimos três anos da sua vida foram passados em amarga solidão, numa casinha que para o abrigar foi construída talvez no fundo do parque. A sua sepultura foi em campa rasa, por ser leproso. A fama da sua grandeza chegou até longe, mas a sua humilhação certamente também. O seu orgulho foi a causa da sua derrota!

Conclusão

A murmuração e o ciúme contra a liderança, a ambição desmedida e a cobiça desenfreada, assim como o orgulho e exaltação própria, são pecados que Deus abomina. Ao puni-los de modo tão severo, estava Deus a dizer-nos que não ficaremos impunes se tais pecados acharem lugar nos nossos corações. Estudar a vida de Jesus e meditar sobre os Seus preciosos ensinamentos ajudar-nos-á a não ser vencidos por essas fraquezas.

Orlando Albuquerque é pastor da igreja do Porto Santo.

ECONOMIA CRISTÃ

Sete Grandes Factos Relacionados com as Ofertas

1. A oferta é uma parte do processo da redenção.

a. “E se outra qualquer pessoa do povo da terra pecar por erro, fazendo, contra algum dos mandamentos do Senhor, aquilo que se não deve fazer, e assim for culpada; ou se o seu pecado, no qual pecou, lhe for notificado, então trará por sua oferta uma cabra fêmea, sem mancha, pelo seu pecado que pecou.” — Lev. 4:27, 28.

b. “Assim Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá, segunda vez, sem pecado aos que O esperam para salvação.” — Heb. 9:28.

2. A oferta está associada ao acto de adoração.

a. “Dai ao Senhor, ó famílias dos povos, dai ao Senhor glória e força. Dai ao Senhor a glória devida ao Seu nome: trazei oferendas, e entrai nos Seus átrios.” — Salmos 96:7, 8.

b. “E, entrando em casa, acharam o Menino com Maria, sua mãe e, prostrando-se, O adoraram; e, abrindo os seus tesouros, Lhe ofertaram dádivas: ouro, incenso e mirra.” — Mat. 2:11.

3. O dar uma oferta é a resposta natural de um coração cheio de gratidão e de amor.

a. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigénito para que todo aquele que n’Ele crê não pereça mas tenha a vida eterna.” — João 3:16.

b. “Finalmente um anjo desceu do céu, abriu a pesada porta, e mandou o patriarca e sua casa saírem à terra, e tomarem consigo todos os seres vivos. Na alegria do seu livramento, Noé não se esqueceu d’Aquele por cujo gracioso cuidado haviam sido preservados. O seu primeiro acto ao deixar a arca foi construir um altar, e oferecer de toda espécie de animal e ave limpa um sacrifício, manifestando assim sua gratidão para com Deus pelo livramento, e sua fé em Cristo, o grande sacrifício.” — *Patricarcas e Profetas*, São Paulo, Casa Publicadora Brasileira, p. 104.

4. A oferta deve ser dada com alegria, numa base voluntária.

a. “Cada um contribua, segundo pro-

pôs no seu coração; não com tristeza, ou por necessidade, porque Deus ama ao que dá com alegria” — II Cor. 9:7.

b. “O Senhor não aceitará uma oferta que seja dada de má vontade.” — *Testimonies*, vol. 5, p. 285.

5. O montante da oferta deve ser comparado, no sentido favorável, com a luz e as bênçãos recebidas.

a. “Mas, o que a não soube, e fez coisas dignas de açoites, com poucos açoites será castigado. E, a qualquer, a quem muito for dado, muito se lhe pedirá, e, ao que muito se lhe confiou, muito se lhe pedirá.” — Lucas 12:48.

b. “O princípio estabelecido por Cristo é que os donativos e ofertas deveriam ser proporcionais à luz e bênçãos recebidas.” — *Testimonies*, vol. 3, p. 392.

6. A oferta deve ser dada em primeiro lugar.

a. “Honra ao senhor com a tua fazenda, e com as primícias de toda a tua renda.” — Prov. 3:9.

b. “Não somente reclama o Senhor o dízimo como sendo Seu, mas também nos diz como deve ser reservado para Ele. Diz: ‘Honra ao Senhor com a tua fazenda, e com as primícias de todas as tuas rendas.’ Não nos ensina isso que devemos gastar nossos meios com nós mesmos, levando ao Senhor o restante, muito embora seja, quanto ao mais, um dízimo honesto. Seja a parte de Deus separada em primeiro lugar.” — *Conselhos sobre Mordomia*, São Paulo, Casa Publicadora Brasileira, p. 81.

7. A oferta deve ser dada regularmente.

a. “No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade, para que se não façam as colectas quando eu chegar” — I Cor. 16:2.

b. “O povo de Israel não deveria apenas dar uma oferta anual, mas deveria apresentar perante o Senhor, espontaneamente, uma oferta semanal e outra mensal. Este facto era para o povo de Deus como que uma espécie de teste de vida semanal e mensal.” — *Testimonies*, vol. 1, p. 237.

Juvenal Gomes
Departamento de Mordomia



UM POVO DE
PROFECIA

PARTE 4

A Reforma Final

Proclamando a Graça, a Lei e o Juízo

Neste artigo, o autor mostra que a Igreja Adventista foi suscitada para completar a reforma inacabada, que começou no século dezasseis. Quarta parte de uma série de oito.

Nenhum tema sobressai mais proeminentemente nas Sagradas Escrituras do que a revelação de que o Deus que criou os céus e a terra há-de um dia julgar, com equidade, tanto os justos como os ímpios, e tanto os vivos como os mortos (ver Núm. 24:17-19; Sal. 11; 96:10-13; Ecl. 3:17; Jer. 25:30-38; Mal. 4; Mat. 16:27). O apóstolo Paulo apresentou esta verdade aos seus ouvintes gregos como sendo uma parte essencial do evangelho cristão: “Mas Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia, agora, a todos os homens, e em todo o lugar, que se arrependam. Porquanto tem determinado um dia em que, com justiça, há-de julgar o mundo, por meio do varão que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dos mortos” (Act. 17:30, 31).

Paulo cita aqui, como parte vital da sua apresentação do evangelho, a realidade do juízo final como um importante incentivo ao arrependimento e reconciliação com Deus, pela fé em Cristo (ver II Cor. 5:18-21).

Estarão os Cristãos Isentos?

Muitos cristãos Protestantes acreditam que a sua profissão de fé em Cristo, como o Cordeiro de Deus morto em sacrifício expiatório pelos pecados do mundo, os isenta do juízo final. Esta crença, popularmente conhecida como a doutrina de “uma vez salvo, salvo para sempre”¹, tem as suas raízes nos ensinamentos de um dos Pais da Igreja, Agostinho, e nos do Reformador Protestante Calvino.

Calvino ensinava que Deus, por meio de um decreto secreto, predeterminara alguns para a vida eterna, e outros para a condenação eterna.²

O apóstolo Paulo, porém, inclui todos os crentes em Cristo no dia final do ajuste de contas: “Porque todos devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal” (II Cor. 5:10). E aos membros de Roma, que se consideravam a si mesmos

justos e eram críticos em relação aos outros, Paulo disse: “Para com Deus, não há distinção de pessoas ... Porque os que ouvem a lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão-de ser justificados” (Rom. 2:6-13; cf. Sal. 62:12). Não se pode negar que o apóstolo Paulo ensinava a certeza de um juízo futuro envolvendo os cristãos.

Este aspecto escatológico do julgamento de Deus a todas as pessoas, incluindo os crentes cristãos, tem sido desvalorizado ou ignorado por muitos teólogos e pregadores protestantes. Todavia, ele constitui uma parte essencial do evangelho. A mensagem de Paulo, da salvação em Jesus Cristo, mantém uma tensão dinâmica entre a bem-aventurada esperança da redenção *presente* (Rom. 8:1) e a prometida esperança da redenção *futura* (v. 23) após o juízo, entre a *presente* justificação pela fé (Rom. 3:28; 4:4-8) e a futura justificação em esperança (ver Gál. 5:5). A ideia de Paulo de uma *futura* justificação como veredicto final de Deus está de harmonia com as palavras de Cristo: “Nem todo o que me diz ‘Senhor, Senhor’ entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade do meu Pai

Hans LaRondelle

que está nos céus” (Mat. 7:21; ver também João 5:28, 29; Mat. 25:34-40).

A Base da Recompensa

A justificação não implica para Paulo a ideia de que uma vez justificado, justificado para sempre. A justificação presente tem de ser confirmada no julgamento final. O que inevitavelmente implica um exame. No dia do julgamento, a santificação do cristão será declarada, não como um mérito humano que ganha a vida eterna, mas como a necessária *evidência* da fé salvadora (ver Rom. 2:5-11). Jesus confirma que na Sua vinda em glória, Ele “dará a cada um segundo as suas obras” (Mat. 16:27; cf. Apoc. 22:12). Por conseguinte, a justificação presente não isenta o cristão do julgamento futuro, quando Cristo pronunciará o Seu veredicto final.³ A mensagem de um juízo futuro, tanto para crentes como para descrentes, é um axioma fundamental do evangelho apostólico.

Infelizmente, alguns comentadores evangélicos argumentam que o juízo futuro *não terá nada* a ver com o destino eterno dos crentes. Que será apenas um “podium de recompensas” no qual os crentes podem sofrer, quando muito, “alguma espécie de castigo divino por vidas descuidadas e indolentes”.⁴

Mas o comentador bíblico metodista, Stephen H. Travis, chega a uma conclusão mais adequada: “No juízo final, elas [as obras dos crentes] serão a evidência de que . . . [a sua] fé e justificação são reais e assim o seu destino para salvação será confirmado. . . . A sua função primária será revelar se ele pertence ou não a Cristo e determinar o seu destino de acordo com isso.”⁵

Segundo Paulo, os crentes cristãos, incluindo ele próprio, *podiam* cair, tal como o antigo Israel caíra (I Cor. 10:1-13; 9:27). Esta sua advertência a alguns cristãos é cheia de significado: “Separados estais de Cristo, vós, os que vos justificais pela lei; *da graça tendes caído*” (Gal. 5:4).

O Lado Positivo do Julgamento

Um moderno comentador bíblico luta para desfazer o temor popular do

juízo final reforçando o seu significado bíblico positivo: “Quando tiver lugar o juízo de Deus”, diz ele, “em tempo e fora de tempo, é misericórdia para os ofendidos e perdição para os que fizeram o mal ou perpetuaram e aproveitaram do erro dos outros. O juízo é assim uma realidade de dois cumes — com misericórdia e justificação, ruína e condenação, ambos dentro dele.”⁶

Este conceito de dois gumes — o ensino bíblico de que o juízo final de Deus há-de trazer tanto a justificação como a condenação — tem sido parte do centro da fé e mensagem adventista desde o início. Ele está incrustado na teologia adventista do santuário, com o seu conceito de um dia antitípico de expiação, prefigurado no ritual israelita do dia do julgamento (Lev. 16). A realidade deste julgamento final é uma ênfase central da última mensagem do evangelho a todas as nações, no tempo do fim. O chamado é: “Temei a Deus e dai-lhe glória, porque é vinda a hora do seu juízo, e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Apoc. 14:7).

No que respeita a João, a mensagem do primeiro anjo de Apocalipse 24:6 constitui em essência “o evangelho eterno”. Esta expressão única chama a atenção para a natureza imutável e imutável das boas novas ensinadas em símbolo e imagem antes da cruz (Gén. 3:15; Gál. 3:8), e em plena claridade através de Jesus Cristo (Heb. 1:1, 2; I Ped. 1:10-12).

Restauração Parcial

A expressão “evangelho eterno” contém, contudo, uma referência implícita à ameaça de perversão e falsificação do genuíno evangelho apostólico, que haveria de ter lugar entre os tempos apostólicos e o tempo do fim. E de facto, uma grave apostasia fora explicitamente predita pelo profeta Daniel (Daniel 7 e 8) e também pelo apóstolo Paulo (II Tess. 2:3-10).

A Reforma Protestante surgiu em protesto à grande apostasia latina da Idade Média, que impunha a todas as pessoas um falso evangelho permeado de doutrinas não bíblicas, tais como a transubstanciação, a celebração

da missa, o culto a Maria, o mérito das boas obras diante de Deus e o purgatório. É certo que os Reformadores restauraram a verdade central do evangelho — a justificação somente pela fé —, mas não discerniram claramente o conceito de um juízo final e a necessidade de o crente se preparar para a segunda vinda de Cristo. Além disso, a maioria dos credos protestantes conservaram determinados erros papais fundamentais — por exemplo, a imortalidade natural da alma, o tormento eterno dos ímpios, a dupla predestinação e o “baptismo” infantil. O Protestantismo falhou também em restaurar a santidade do Sábado *bíblico*, ordenado por Deus para o povo do Seu concerto.

A Reforma do Século XVI deteve-se na sua carreira, tanto religiosa como geográfica, e bem depressa caiu vítima de uma escolástica árida, que se especializara em excessivas formulações doutrinárias. Por isso, a Reforma não constituiu um completo cumprimento apocalíptico da mensagem do primeiro anjo (Apoc. 14:6, 7), dirigida a *todas as nações*. Além disso, como observou William Cunningham durante o despertamento adventista do século dezanove, a restrita influência regional dos Reformadores Protestantes não cumpriu a predição do tempo do fim de Apocalipse 14.⁷

Restauração Completa

Nem Lutero, nem Calvino, nem Knox, nem Wesley reivindicaram alguma vez estarem cumprindo as mensagens proféticas dos anjos de Apocalipse 14:6-12. Eles nunca anunciaram que a hora do juízo de Deus era chegada, tal como anunciado nas profecias de tempo de Daniel 7 e 8. Só uma proclamação universal do evangelho completo a todas as nações do mundo poderia ser considerada o cumprimento integral da tríplice mensagem de Apocalipse 14.

O anjo de Apocalipse 14:6 e 7 anuncia a restauração do evangelho apostólico no tempo do fim. O propósito específico do anjo é preparar um povo para permanecer de pé como o remanescente fiel de Deus no dia do juízo e dar as boas-vindas ao glorioso advento de Cristo. Os Ad-

juventude

N.º 6 — JUNHO 1992

PÁGINAS DEDICADAS AOS JOVENS, TIÇÕES, DESBRAVADORES E COMPANHEIROS DAS IGREJAS ADVENTISTAS EM PORTUGAL

Encontro de Universitários em Monte Real

Um homem de olhos honestos e palavras simples vai esgrimindo raciocínios lógicos e respondendo às questões impertinentes. O sorriso parece ter-se-lhe colado ao rosto e as frases vão surgindo calmamente refrescadas com algum humor, alguma provocação. Torna inesperadamente novas coisas já "velhas" — "que toda a gente julga saber" — passagens já pertencentes à memória religiosa.

De marcador na mão, esquelmatiza no papel, que um cavalete segura energicamente, o que quer contar, aquilo que pretende transmitir. Nessas explanações são frequentes os pedidos "Como se escreve em português? No es asi? Entonces escribe tu." Pedidos a revelar que o pastor Badenas, professor do colégio adventista de Collonges, não se deixa atrapalhar pelo facto de ser espanhol. Durante três dias — 31 de Outubro a 3 de Novembro — conseguiu prender a atenção de mais de seis dezenas de jovens que se reuniram numa pensão chamada "Alegre" em Monte Real, no Encontro de Universitários.

Na sala que se mostrou pequena e onde o chão alcatifado serviu de assento, o pastor oriundo do país de "nuestros hermanos" propôs-se oferecer aos universitários uma "chave para viver", ou seja, demonstrar como Jesus, o maior autor de parábolas de toda a história (compôs aproximadamente 40), usou este instrumento para nos falar do reino de Deus.

"Quando Jesus falava, não havia eruditos à Sua volta, mas uma massa de pessoas do povo, donas de casa, pastores, cobradores de impostos, tecelões, comerciantes, marinheiros de água-doce, os meninos que deslizam por qualquer lugar. Assim, as parábolas de Jesus não são contos de fadas: nelas não existem varinhas mágicas, nem gatas bora-lheiras que se transformam em belas princesas. Nem são fábulas onde os animais falam, dando aos homens lições de moral. As parábolas são casos semelhantes aos que podemos ler hoje em qualquer jornal." Há desfalques (parábola do juiz iníquo), casamentos

e festas (bodas), desemprego (trabalhadores e as diversas horas de trabalho), entre outras situações.

O assunto foi dividido em sete sessões de trabalho, onde as Parábolas Difíceis (como a do rico e do Lázaro) ocuparam quatro períodos. O restante tempo foi preenchido com a "Introdução do Tema 'As Parábolas'"; "Parábolas de ontem para viver hoje"; e a "Linguagem enigmática das Parábolas e a sua intenção (oculta?)"

À apresentação destes itens seguiu-se em geral um período de debate, mais aproveitado pelos presentes para discutir outros problemas espirituais. Foi assim que o pastor Badenas se viu questionado sobre questões tão diversas como o divórcio, o maniqueísmo, a importância de Ellen White, a homossexualidade, a lei e a liberdade e, ainda (e uma vez mais...), o cinema. Este último tema surgiu a propósito do filme em vídeo "The Chosen", a que se assistiu no sábado à noite e que versava as vicissitudes de uma minoria judaica. O debate aceso a que deu origem não se confinou, no entan-

to, à problemática do cinema. Houve ainda tempo e razões para se falar na educação dos filhos, por exemplo.

Recorde-se ainda a interessante Escola Sabatina, onde o pastor Badenas teve a oportunidade de dar uma tônica de promessa à Lei de Deus, em vez da ideia de punição.

Por tudo isto e por muito mais, que não é permitido escrever (por falta de espaço, é claro...) parecem não restar dúvidas, aos que participaram neste encontro, de que ele foi espiritualmente enriquecedor. Para quem não acreditar e para os que quiserem saber mais, um conselho: o encontro foi filmado e gravado. Havia mesmo três video-amadores que insistiram em não perder nada das sessões. É só uma questão de perguntar à Isabel Miranda quem são e não os largar enquanto eles não abrirem mão das cassetes...

Dulce Neto

Advogada e Jornalista
Igreja de Coimbra

Visita à Igreja de Arcos de Valdevez

Canelas possui um bom grupo de Companheiros que, na sua maioria, trabalha activamente na nossa igreja local. No entanto, os elementos da direcção acharam por bem levar a efeito durante este ano de actividades um projecto em favor dos outros, neste caso concreto, em favor de algumas igrejas pequenas e um tanto isoladas. Foi com esse objectivo que programámos para o dia 2 de Novembro uma visita à igreja de Arcos de Valdevez.

Às 7h30 um grupo de aproximadamente trinta jovens estava pronto para se deslocar até Arcos

de Valdevez. O dia estava frio e chuvoso, mas o mau tempo não conseguiu arrefecer o nosso ânimo.

Da parte da manhã tivemos a nosso cargo a Escola Sabatina e o culto, que contaram com a participação especial de alguns jovens que apresentaram números musicais e poesias; seguiu-se um almoço de confraternização entre os Companheiros de Canelas e alguns membros da igreja de Arcos de Valdevez.

Para a tarde tínhamos planeado um programa com Salmos, poesias e cânticos, apresentados





pelo coral jovem, por um quarto e por dois jovens solistas. Foi-nos sugerido que o programa se realizasse não nas instalações da igreja, mas num lar da terceira idade. A direcção de Companheiros ficou contente com a ideia e tudo foi organizado para que durante cerca de uma hora pudéssemos falar de Jesus a um bom grupo de idosos. Terminada a apresentação do programa, tivemos alguns momentos de convívio entre os Companheiros e aqueles idosos que, apesar dos seus cabelos brancos e do cansaço estampado



nos seus rostos, não deixaram de nos ofertar o seu sorriso. Os seus agradecimentos demonstraram-nos terem apreciado a mensagem que lhes apresentámos.

Satisfeitos com o trabalho que realizámos, regressámos às nossas casas, mais uma vez acompanhados pela chuva. Os Companheiros de Canelas gostaram da experiência e desejam repleta em próximas oportunidades.

Olga Mota
Pela Direcção do Clube
de Companheiros

O Rally-Paper: um Programa inédito nas nossas Igrejas

No dia 16 de Fevereiro, de manhã bem cedo, encontrámo-nos na igreja de Ermesinde, cheios de alegria e entusiasmo. Momentos depois seguimos para Matosinhos a fim de nos juntarmos aos jovens e irmãos desta cidade e aos que viriam de Vila do Conde. Estava um dia lindíssimo e havia em to-

dos nós uma disposição formidável. Ia começar o primeiro rally-paper das nossas três igrejas. Sabíamos que o programa tinha sido muito bem preparado e que focaria três aspectos muito importantes para o desenvolvimento do ser humano: o físico, o social e o espiritual.



Na zona do Castelo, em Vila do Conde, junto ao mar, num momento da gincana automóvel.

Tivemos a participação de 18 carros o que perfazia um total de cem pessoas. O percurso foi o seguinte: Matosinhos, Leça da Palmeira, aeroporto Sá Carneiro, cidade da Maia, lugar de Modivas, vila do Mindelo, Azurara e Vila do Conde. Os primeiros carros começaram a sair pelas 8h30 da manhã. Orámos para que tudo corresse pelo melhor. De cinco em cinco minutos, partia um carro. Cada chefe de grupo tinha recebido uma folha com a indicação do percurso e das tarefas a executar. Algumas delas foram feitas

acompanhar esta prova que foi magnífica. Em seguida tivemos de fazer uma série de visitas: Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador, a velha igreja matriz e campo das Modivas. Todos estes momentos foram inesquecíveis. Em seguida fomos para o Mindelo, a alguns quilómetros do local onde desembarcaram as tropas liberais na luta contra os miguelistas. Aí, junto à praia, descalços; tivemos uma espectacular prova de agilidade e força, assim como um concurso bíblico devidamente pontuado. Depois dirigimo-nos para



Participaram 9 pessoas que nunca tinham tido qualquer contacto com a Igreja. Estes dois jovens estudantes faziam parte desse grupo.

ainda em Matosinhos e em Leixões, mas foi na quinta da Conceição que nos esperava o primeiro jury para nos submeter a duros exercícios físicos. Depois fomos ao novo aeroporto inaugurado há relativamente pouco tempo e que alguns ainda não conheciam. A prova aqui estava feita de tal modo que acabámos por ficar a conhecer quase todos os cantinhos do nosso aeroporto. Também aqui distribuímos os primeiros folhetos — fazia parte do rally esta distribuição — com inscrições para os cursos de Bíblia e de Saúde. Foram entregues mais de 1.000 prospectos durante todo o percurso.

O segundo júri encontrava-se no estádio da Maia, onde tivemos que fazer uma corrida de estafetas. Todos participámos, desde os mais novos aos irmãos mais idosos na idade, mas tão novos como nós em espírito. Muito suaram os membros do júri para poderem

Azurara, onde nos foram apresentadas novas provas, versando sobretudo os pioneiros da nossa obra e as instituições adventistas mais conhecidas, quer em Portugal, quer no estrangeiro. Aproximávamo-nos do fim da manhã quando os primeiros carros chegaram a Vila do Conde. Aqui, fizemos uma gincana automóvel junto ao castelo e perto do mar, a qual pôs à prova a perícia dos nossos motoristas.

Com os dezoito carros de novo juntos, dirigimo-nos para a rua da igreja em Vila do Conde. Entrámos na sala da juventude cansados, emocionados, desejando uma boa refeição pois já há muito tinha passado a hora habitual do almoço. Cada participante trazia um lanche que colocou em cima da "mesa comunitária" e ali teve lugar um "faustoso banquete" que serviu de óptima confraternização para todos os grupos. Agradecemos às irmãs de Vila do



O carro dos «Jornalistas» vinha bem enfeitado. A bordo estava a juventude menos jovem do Rally.

Conde a sua gentileza nos alimentos adicionais que nos ofereceram. Foram realmente momentos muito agradáveis.

Finalmente assistimos às contagens da pontuação das diversas provas, tendo cada júri apresentado as posições dos diversos grupos ao longo das provas. O 1.º lugar foi para o grupo "Nascente de Esperança", que veio de Viana do Castelo. O 2.º lugar, para os "Best", de Matosinhos, e o 3.º lugar para o grupo "Spiders", também de Matosinhos.

Projectamos para os próximos meses um encontro entre todos os concorrentes, a fim de nos revermos. Faremos uma entrega de prémios a todos e haverá uma saída missionária no local de encontro para aproveitar a nossa força jovem ao serviço da Mensagem do Advento.

Maria da Conceição Teles
Directora de jovens da igreja
de Ermesinde

Areosa, Bairro do Malhão — 1.º Acampamento Acção Jovem

A juventude adventista de Viana do Castelo organizou, de 28 de Fevereiro a 3 de Março, no bairro do Malhão, freguesia de Areosa (Viana do Castelo), o 1.º acampamento Acção Jovem, a que chamámos: "Luz na Aldeia" e que contou com o dinamismo dos jovens adventistas. Este programa está enquadrado no objectivo e no espírito da Missão Global.

Durante cinco dias, os jovens adventistas de Viana do Castelo, Canelas, Delães, Arcos de Valdevez, Matosinhos e Braga testemunharam a fé de Jesus com elevada simpatia e muito amor cristão para quase meia centena de crianças, jovens e respectivos familiares do bairro camarário do Malhão.

O programa foi variado, englobando a equipa de saúde, a

música cristã, jogos populares, pistas, histórias bíblicas, trabalhos manuais e meditações espirituais. E ao analisarmos este trabalho, sentimos que o nosso coração nos diz: "Não há tempo a perder."

Neste acampamento tivemos a colaboração de vários irmãos, a quem desde já agradecemos a sua preciosa colaboração; entre eles citamos o irmão Carlos Ferreira e outros irmãos da igreja de Canelas, que tiveram a responsabilidade do culto e dos momentos musicais, do irmão José Duarte, da igreja de Braga, e da Ana Maria, de Vila do Conde, e do sr. Carlos Alberto, chefe dos escuteiros de Areosa, que ficou muito entusiasmado com a nossa presença no bairro do Malhão, porque, para além de assistir todas as noites ao nosso programa e ao encerramen-

to, foi o nosso guia na visita que efectuámos ao Poço Negro.

A Célia Teixeira, de 14 anos, moradora no bairro do Malhão, na casa 42, deixou-nos esta mensagem:

"Gostava que viessem cá outra vez. Eu não lhes posso dar nada de valor, mas acho que o meu amor e carinho, estes jovens terão sempre... Deste acampamento não me esquecerei mais..."

São muitas as crianças e jovens que desejam participar nas actividades dos T.D.C. de Viana do Castelo e já estiveram presentes no acampamento regional Norte 92, na serra do Gerês, o que é motivo para agradecer a Deus e a todos os que participaram na "Luz na Aldeia."

Álvoro Bastos
Colportor-evangelista

Jovens e Membros da Igreja de Coimbra visitam o LAPI

Integrada na programação missionária da igreja, a sua direcção achou por bem em concretizar um velho sonho, ou seja, fazer uma visita fraternal e missionária ao LAPI, sito em Vale Queimado, Salvaterra de Magos. Queríamos proporcionar deste modo uma tarde feliz de alegria juvenil e convívio cordial aos nossos irmãos mais idosos, ali residentes. Se nós, e por várias vezes, o tínhamos feito a outros lares, quer da terceira idade, quer mesmo de juventude, porque não fazê-lo também aos "domésticos da fé", conforme as Escrituras?

Assim, pedimos ao pastor da igreja que organizasse uma excursão de autocarro, para que, junto com mais três carinhosas de irmãos, pudéssemos também visitar as belezas de Tomar e no regresso conhecer Santarém. Ao Beto, coadjuvado pelo António, pedi-

mos que organizassem um pequeno programa-festa, para apresentar no lar, com a nossa juventude, a que acedeu amavelmente. A plateia entusiasmada, vibrou de contentamento e participou cantando. Mas não só: tanto os mais idosos como os jovens da igreja local colaboraram fazendo coro conosco. Mas a festa não terminou por aqui. As irmãs de Coimbra foram incumbidas de preparar lembranças para todos os utentes do lar — e os acamados não foram esquecidos, pois foi-lhes enviada uma embaixada, com prendas e flores. Entre eles comoveu-nos a visita que fizemos ao casal Manuel Miguel. Conosco levámos a solidariedade de todos os que beneficiaram do seu ministério pastoral e da fraternidade pastoral.

Emocionante foi também a reacção da irmã de 96 anos, ao



Um aspecto do programa festivo no LAPI.



Uma parte da assistência, atenta ao programa.

receber o ramo de flores correspondente à pessoa mais idosa, e também a reacção daquela irmã aniversariante, que recebeu flores e "parabéns a você, por esta data feliz."

O interessante e curioso é que fomos para levar ânimo e fomos nós que saímos animados e felizes pela forma como fomos recebidos. Mas os sorrisos, os beijos e abraços, as palavras de grati-

dão, e as lágrimas furtivas, traduziram o contentamento dos que ficaram. Um obrigado à direcção do Lar pelo modo como nos recebeu e colaborou. Finalmente, um apelo aos leitores desta notícias (parafraseando o varão macedónio que Paulo viu em visão): "Passem ao LAPI e ajudem-nos."

Maria del Carmen Braña da Silva
Directora missionária

Viana do Castelo: Jornada de Evangelização Missão Global

Na perspectiva do grande objectivo de Missão Global, que é a salvação a todas as almas, a igreja adventista de Viana do Castelo esteve empenhada numa grande maratona missionária, a qual teve início às 10 horas do Sábado dia 2 de Maio e findou no domingo dia 3, após a venda da Revis-

ta das Missões, em que mais uma vez o alvo foi ultrapassado.

Os irmãos e jovens de Delães (S. Mateus) e o grupo de música cristã «Cantares de Salomão», do Ir. José Augusto, estiveram fortemente empenhados nesta iniciativa missionária que ainda hoje está viva nos nossos corações.



Em casa dos jovens Dany e Paul os jovens adventistas do sétimo dia e o grupo de música cristã de José Augusto «Cantares de Salomão».

Houve música na Praça da República, em Viana do Castelo, distribuição de folhetos e falou-se abertamente da breve volta de Jesus. O programa que estava incluído na Festa das Mães, só finalizou com a visita e entrega de flores à irmã Isaura Valadares, de Caminha, e à mãe dos jovens Dany e Paul, que têm participado nas nossas actividades de jovens.

Para finalizar, deixo-vos uma mensagem que hoje mesmo rece-

bi da irmã de Caminha, que está impossibilitada de vir Sábado à igreja, por grave doença do marido: «Eu estou a reviver aquele grande dia em que os irmãos vieram cá a casa... Foi uma grande alegria que senti, nem tenho palavras para dizer o que vai no meu coração. Muito obrigada, Jesus, obrigada, irmãos...»

Álvaro Bastos
Colportor-Evangelista



O Departamento Missionário e Jovens entregam no dia das Mães um ramo de flores à irmã Isaura de Caminha.

Colégio Adventista de Lisboa

— Uma educação completa e diferente —



Se mora na área de Lisboa, confie-nos os seus filhos. Matricule-os no

Colégio Adventista de Lisboa

Rua Ponta Delgada, n.º 1 — 1000 LISBOA

Telefone: 545455

ventistas do Sétimo Dia estão convencidos de que surgiram profeticamente, por vontade de Deus, para cumprir a missão e mandato de completar a Reforma Protestante inacabada e para restaurarem plena e finalmente a verdadeira adoração a Deus, no contexto do evangelho eterno.

Esta aplicação do evangelho ao tempo do fim constitui a credencial distintiva da Igreja Adventista do Sétimo Dia como um movimento religioso independente. A declaração seguinte expressa a sua crença: "Nós mantemos que o 'evangelho eterno' de Apocalipse 14:6 é o evangelho apostólico, compreendido e realçado no contexto da grande hora do juízo de Deus, e destinado à preparação de um povo completamente cimentado na justiça de Cristo e seguindo plenamente a revelada vontade de Deus, enquanto se preparara para permanecer na Sua presença no momento da Sua iminente e gloriosa aparição."⁸

O mandato para pregar o evangelho eterno a todas as nações no tempo do fim implica uma renovada proclamação do Cristo bíblico — isto é, do Deus-homem que encarna em Si mesmo tanto a lei como a graça de Deus. O mandato exige um reavivamento do evangelho apostólico adulterado e em toda a sua plenitude.

O poderoso chamado do evangelho eterno no tempo do fim requer também um apelo contextual a todos os religiosos não cristãos e a todas as formas de pseudocristianismo, tal como os apóstolos o fizeram face ao Judaísmo e ao Gnosticismo cristão no primeiro século (ver II Cor. 11:4-15; I João 2:18-23; 4:1-3). Sempre que o verdadeiro evangelho é pregado, as religiões falsas e a filosofia humana são expostas como obras das trevas (II Cor. 4:2-5).

Ênfase na Obediência

A proclamação da santidade de Deus e da pecaminosidade do homem exige uma firme tomada de posição contra o erro e o engano. Muitos já não apreciam as distinções bíblicas entre verdade e erro, entre lei e amor, entre ética divina e ética humana se-

cular. Mas o homem é chamado a ser em carácter o que o Deus de Israel é: "Sede santos, porque eu sou santo"; cf. Lev. 19:1; I Ped. 1:15). A santidade de Deus, contudo, é um amor santo que inclui a Sua graça perdoadora e a Sua justiça. Isto o explica de maneira profunda Ellen G. White: "O amor de Deus tem-se expressado tanto em Sua justiça como em Sua misericórdia. A justiça é o fundamento de Seu trono, e o fruto de Seu amor. Era o desígnio de Satanás divorciar a misericórdia da verdade e da justiça." (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 733.)

De qualquer maneira, a sagrada lei moral não pode, por si mesmo, reflectir esta tremenda santidade. É por isso que foi necessário que uma Pessoa Divina fosse enviada do céu para revelar a natureza essencial de Deus ao homem. Em Cristo nós contemplamos a união perfeita da justiça e da misericórdia, da ira e da graça, da lei e do evangelho. Este carácter simétrico de Deus brilhará de uma maneira progressiva no povo remanescente que O espera. Eles vão sendo "transformados de glória em glória na mesma imagem" (II Cor. 3:18).

O Revelador descreve a última geração dos filhos de Deus como "santos" que "guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus" (Apoc. 14:12; cf. Apoc. 12:17). É a pregação do evangelho eterno que gera este povo remanescente fiel.

Do céu, a trompeta solene proclama: "Temei a Deus e dai-Lhe glória." Numa era de secularismo e humanismo, suscita uma fé viva e fiel, que salva e santifica. Num tempo de apostasia e mornidão espiritual, quando o cristianismo popular havia reduzido a fé salvadora a uma doutrina ortodoxa acerca de Cristo, a Sra. White fez esta importante admoestação: "Muitos estão dizendo continuamente: 'Tudo o que temos a fazer é crer em Cristo'. Reivindicam que a fé é tudo quanto precisamos. *No seu sentido mais amplo, isso é verdade; mas eles não o dizem no seu sentido mais amplo. Crer em Jesus é tomá-l'O como nosso Redentor e nosso Modelo.*

Se nós permanecemos n'Ele e se Ele habita em nós, nós somos participantes da Sua natureza divina, e somos fazedores da Sua palavra."⁹

Esta mensagem evangélica une o perfeito sacrifício expiatório de Jesus à Sua presente intercessão pela santificação dos crentes. Cristo não pode ser dividido. Ele é ao mesmo tempo Salvador e Senhor, Justificador e Santificador. E no fim Ele há-de ser o Juiz de todos.

Este parte essencial e inalienável do evangelho eterno tem sido por demasiado tempo ignorada e negligenciada pelas igrejas tradicionais. É chegado o momento da sua plena e final restauração através da mensagem de Elias. Nada é tão poderoso como uma verdade cujo tempo já chegou.

Referências

1. Ver P. Lassiter, *Once Saved, Always Saved*, Nashville, Broadman Press, 1975.
2. Ver John Calvin, *Institutes of the Christian Religion*, Library of Christian Classics, Filadélfia, Westminster Press, 1967, vols. 20, 21, livro 3, cap. 23, sec. 7.
3. Ver o importante contributo de Ivan T. Blazen, "Justification and Judgment" em F. B. Holbrook, ed., *70 Weeks, Leviticus, Nature of Prophecy*, Daniel and Revelation Committee Series, Washington, D.C., General Conference of SDA, 1986, vol. 3, pp. 339-388.
4. J. A. Sproule, "'Judgment Seat' ou 'Podium de Recompensas'?", *Spire*, Primavera de 1984, pp. 3-5. Ele reforça a ideia, na base de I Coríntios 3:15, de "que a salvação e destino eterno do crente não estão, de modo algum, em perigo."
5. S. H. Travis, *Christ and the Judgment of God*, Southampton, Inglaterra, Marshall, Morgan e Scott, 1986, pp. 62-64.
6. K. Stendahl, *Paul Among Jews and Gentiles*, Filadélfia, Fortress Press, 1983, p. 103.
7. William Cunningham, *A Dissertation on the Seals and Trumpets of the Apocalypse*, 2 ed., Londres, T. Cadell, 1817, p. 280 (na 3 ed. [1849], p. 255). Cunningham diz: "Tão longe estiveram eles [os Reformadores] de pregar a todos os habitantes da terra que nem sequer pregaram através de toda a Europa cristã. Não foi permitido à Reforma entrar em alguns dos mais extensos reinos de jurisdição romana. Foi inteiramente excluída da Espanha, Portugal e Itália."
8. *Seventh-day Adventists Answer Questions on Doctrine*, p. 617.
9. Citado em *Historical Sketches*, Basileia, Imprimerie Polyglotte, 1886, p. 189. (Itálico nosso.)

O Dr. Hans K. LaRondelle é professor de Teologia na Universidade Adventista de Andrews, em Berrien Springs, Michigan.

Medicina Natural

NATURISMO é, por definição, a doutrina médica que usa métodos naturais de curar, em especial terapia física e dieta. As leis naturais (leis físicas, químicas, biológicas, fisiológicas, psicológicas e morais) são tudo leis de Deus, porque foi Ele que criou a natureza.

A desobediência a estas leis tem consequências dolorosas. Viver em harmonia com essas leis (o que significa viver um estilo de vida saudável), restaura, mantém e melhora a saúde.

Em muitos casos é suficiente corrigir os hábitos errados na alimentação, no trabalho, no descanso e no pensar, para que a saúde seja restaurada. Mas quando o mal já é mais profundo, para além de corrigir os hábitos de vida errados (o que deve ser sempre feito, e é tantas vezes negligenciado!), então, é necessário a ajuda da cirurgia e dos medicamentos. Há vários conceitos errados no que se refere ao uso da palavra “*natural*”, e que requerem algumas explicações:

— A medicina natural não é um “substituto” da cirurgia ou dos medicamentos necessários. Não é, digamos, uma “alternativa”. Nem tudo pode ser corrigido apenas pela eliminação dos hábitos errados.

— Nem tudo o que é “natural” é bom. Há muitos venenos na natureza, e um falso remédio natural pode causar um grande dano.

— Nos últimos tempos, muitas filosofias de cura, de natureza mística (ioga, acupuntura, reflexologia, pêndulo, etc.) foram colocadas debaixo do chapéu de chuva do “naturismo” (= “naturalismo”) sem, no entanto, terem nada a ver com ele. Na reali-

terem nada a ver com ele. Na realidade, não se relacionam com as leis naturais; antes pertencem ao “sobrenatural”, e aí temos de fazer algumas escolhas. Os naturalistas não fazem, muitas vezes, distinção entre o que é realmente natural e o que é místico; mistura-se tudo para se transformar em “integral”, ou “holístico”, e daí advém a confusão.

— Temos que admitir que muitas religiões orientais contêm alguns bons princípios de viver saudável, tais como uma dieta vegetariana, o jejum, tomar tempo para a meditação, a abstenção de bebidas alcoólicas, etc., que os cristãos fariam bem em seguir. Na realidade, esses princípios também se encontram na Bíblia.

— E. G. White menciona uma lista de remédios “naturais” e recomenda que cada pessoa deveria aprender a aplicá-los: “Ar puro, luz solar, abstinência, repouso, exercício, regime (alimentar) conveniente, uso da água e confiança no poder divino — eis os verdadeiros remédios.” — *A Ciência do Bom Viver*, p. 127.

“A doença é um esforço da natureza para libertar o organismo de condições resultantes da violação das leis da saúde. Em caso de doença, convém verificar a causa. As condições anti-higiênicas devem ser mudadas, os maus hábitos corrigidos. Então a natureza deve ser auxiliada no seu esforço de expelir as impurezas e restabelecer as condições normais do organismo.” *Ibid.*

Reparemos nas etapas:

1. A doença é causada pela desobediência às leis da vida.
2. Procurar a causa.
3. Ajudar a natureza no esforço de cura.
4. Continuar com um estilo de vida saudável.

A lista dos remédios “naturais” é muito clara e não encontramos na-

da nos escritos de E. G. White que sustente a prática da medicina mística.

Medicina Alternativa

Astrologia, ioga, yin-yang, acupuntura, iridologia, homeopatia, reflexologia, pêndulo, etc, não têm nenhuma base científica. São baseados na concepção panteísta oriental de uma energia cósmica, ou fluído magnético, em que o ser humano é parte do cosmos, e em que a restauração do desequilíbrio deste fluído trará a pessoa de volta à harmonia com a energia universal — deus. Nesta concepção, que é baseada na imortalidade da alma, não há lugar para o pecado, o arrependimento ou Cristo. O facto de um médico cristão sincero utilizar tais métodos não os santifica.

O médico cristão considera a doença como o resultado do pecado (não desequilíbrio da energia cósmica), e dirige os seus pacientes para Cristo, como o único Salvador e Restaurador, e depois aconselha à obediência às leis naturais — um estilo de vida saudável (de base científica), tal como às leis morais. O médico cristão também acredita na existência de poderes sobrenaturais, Cristo contra Satanás, e ora pela ajuda divina nesta batalha invisível entre o bem e o mal. Isto é uma filosofia centrada em Cristo. O conceito de “medicina integral”, para o médico secular, significa aceitar métodos científicos e não científicos de diagnóstico e tratamento, o que inclui toda a espécie de filosofias orientais panteístas.

“Medicina integral”, para o médico cristão, significa que o espírito, alma e corpo devem ser considerados sempre como uma unidade: pecado e doença, salvação e cura, pregar o evangelho e cuidar dos doentes, caminhar juntos. Esta é a perspectiva bíblica dos problemas da humanidade.

Doentes e muitos médicos estão cientes de que à medicina científica e tradicional, tal como é ensinada nas universidades, falta um aspecto importante: a dimensão espiritual dos seres humanos.

Nos consultórios dos médicos encontram-se grande número de doentes que sofrem de problemas originados nas suas mentes (culpa, ódio, angústia, inveja, desobediência às leis físicas e morais). A medicina tradicional, que trata sobretudo do corpo, não tem respostas satisfatórias para estes problemas. Tratar só os problemas físicos não resolve o problema mais profundo. Por esta razão, doentes e médicos são levados a olhar para outras fontes de cura, o que seria bom, mas infelizmente muitos olham para direcções erradas, como a medicina mística, em vez de olharem para Cristo, porque pensam que a “religião” não deve ser misturada com a “medicina”. Analisando bem, toda a espécie de religião e de doutrinas de cura pretendem sempre oferecer soluções, quer para os problemas físicos (corpo), quer para os problemas espirituais (alma). Há sempre alguma “religião” envolvida, quer o queiramos, quer não. Não há neutralidade em nada da nossa vida. Sendo assim, procuremos a fonte verdadeira, procuremos a Cristo!

Seguidamente temos algumas citações de E. G. White acerca deste assunto:

“Pessoas há que recuam horrorizadas ao pensamento de consultar médiuns espíritas, mas que são atraídas por formas mais agradáveis de espiritismo, como seja o movimento de Emanuel. Ainda outros são transviados pelos ensinamentos da ‘Ciência Cristã’, e o misticismo da teosofia e outras religiões orientais.

“Os apóstolos de quase todas as formas de espiritismo pretendem possuir poder de curar a doença. Atribuem seu poder à electricidade, ao magnetismo, aos remédios chamados “simpáticos”, ou a forças latentes que há na mente do homem. E não poucos, mesmo nesta era cristã, vão a esses curandeiros, em vez de confiar no poder do Deus vivo e na com-

petência de bem qualificados médicos cristãos. A mãe que vela ao pé do leito do filho enfermo, exclama: ‘Não posso fazer mais nada! Não há médico capaz de curar o meu filho!’. Contam-lhe as curas maravilhosas realizadas por algum vidente ou curador pelo magnetismo, e ela confia o filho querido aos seus cuidados, colocando-o tão certamente nas mãos de Satanás, como se este estivesse ao seu lado. Em muitos casos a vida futura da criança é regida por um poder satânico, que parece impossível romper.

“Os que se entregam à feitiçaria de Satanás, podem gabar-se de receber grande benefício, mas acaso isso prova que o seu procedimento seja sábio ou seguro? Que dizer no caso da vida ter sido prolongada? Que dizer se tiver sido assegurado ganho material? Teria valido a pena, afinal, ter desconsiderado a vontade de Deus? Todo o aparente ganho dessa espécie demonstrar-se-á, por fim, perda irreparável.” — *Evangelismo*, pp. 606, 607.

“Estes instrumentos satânicos pretendem curar a doença. Atribuem o seu poder à electricidade, ao magnetismo, ou aos chamados ‘remédios de simpatia’, ao passo que, na verdade, não são mais do que canais para as correntes eléctricas de Satanás.” — *Evangelismo*, p. 609.

Como Podem ser Explicadas as Curas Místicas?

Muitas pessoas pensam que o sucesso, real ou aparente, é uma prova da validade do tratamento ou método de cura, e que a pessoa que o pratica está “certa”, ou tem a “verdade”. Este raciocínio é perigoso. E, mesmo para além disso, alguns concluem, ainda, que todos os outros métodos de curar devem ser, por exclusão, errados. Este raciocínio é também perigoso. Aqui estão algumas explicações para o sucesso de *qualquer* tratamento, científico ou não:

1. É geralmente aceite que 80% ou mais de todas as consultas estão relacionadas com hábitos de vida e de pensar errados. Nesta fase inicial, os problemas são chamados “funcio-

nais”. O exame orgânico e os testes de laboratório não permitem encontrar nenhuma alteração. Isto não quer dizer que o doente esteja a “inventar” sintomas ou uma doença. Não, o problema é real. Este tipo de perturbações melhora, geralmente, com qualquer tratamento, seja descanso, jejum, pílulas de alho, hidroterapia, chás medicinais, vitaminas, massagens, etc., ou mesmo sem *nenhum tratamento*, deixando apenas passar algum tempo.

2. Jejum, descanso apropriado, água, dieta saudável, exercício moderado, pensamentos positivos, esperança, gratidão e uma atitude optimista, estimulam o nosso sistema imunitário e, dessa forma, promovem a recuperação de *qualquer doença*, mesmo de tumores malignos.

3. O “efeito placebo” é um efeito poderoso que actua através dos pensamentos e pode, por si só, ser responsável, ou pelo menos estar associado, a muitos dos casos de curas acima mencionados.

4. *Diagnósticos errados ou falsos*. Especialmente curadores leigos (por causa da sua ignorância), ou profissionais sem escrúpulos (para justificarem um tratamento longo, ou honorários elevados, ou para se auto-promoverem), têm tendência para exgerarem a severidade de uma doença ou para diagnosticarem qualquer outra doença como sendo “cancro”. Claro que depois do seu tratamento o doente está, obviamente, “curado”!

5. Ao lado dos milagres divinos há outras *curas* sobrenaturais que não se podem negar, produzidas por praticantes de métodos místicos. Estas curas não justificam o método, porque Deus deu instruções claras acerca deste assunto (Deut.18:9-12; I.Sam. 28:6, 7). O único caminho seguro para qualquer pessoa envolvida nesta espécie de práticas é afastar-se delas, voltar para Deus, pedir perdão e seguir as Suas instruções, claramente expressas na Bíblia Sagrada. — Tradução do Dr. Samuel Ribeiro.

O Prof. Doutor Jochen Hawlitschek é director do Departamento Médico e de Temperança da Divisão Euro-Africana dos Adventistas do Sétimo Dia.

Ellen G. White: Sua Vida e Obra

Ellen Goud Harmon nasceu em 26 de Novembro de 1827 em Gorham, Estado do Maine, E.U.A. Os seus pais, Roberto e Eunice Harmon, eram, desde a infância, membros dedicados e devotos da Igreja Metodista Episcopal.

Ellen nasceu juntamente com outra irmã gémea, Elizabeth. Estas duas filhas foram as últimas que nasceram ao casal Harmon, que passou a ter então 8 filhos: 6 meninas e 2 rapazes.

Na altura em que as duas gêmeas nasceram o pai ocupava-se principalmente em trabalhos agrícolas. Durante os dias mais frios do Inverno, ou noutras ocasiões de menor actividade agrícola, ocupava-se em fabricar chapéus de palha a fim de melhor suprir os poucos recursos da família.

Poucos anos depois do nascimento das duas gêmeas, o pai decidiu mudar-se com a família de Gorham para Portland, no mesmo Estado, para aí se dedicar inteiramente à fabricação de chapéus de palha, visto reconhecer que esta actividade era mais rentável do que a de agricultor. Isto terá acontecido entre 1831 e 1833.

Foi em Portland que Ellen iniciou a sua actividade escolar com a idade de 6 anos, na escola primária que ficava na Rua Brackett,

provavelmente no Outono de 1833. Aos 9 anos de idade, enquanto voltava da escola, a meio da tarde, juntamente com a sua irmã gémea e outra colega, uma menina mais velha do que elas, começou a persegui-las com palavras provocadoras e gestos ameaçadores de agressão física. As três decidiram correr para casa, mas a outra seguiu-as com uma pedra na mão. Ellen decidiu olhar para trás para ver a que distância a perseguidora se encontrava delas e nesse instante a pedra, acabada de ser atirada, acertou-lhe em cheio no nariz. Ela caiu desmaiada no chão.

Quando acordou do desmaio encontrava-se na loja dum comerciante, e tinha uma grande poça de sangue no chão. Um cliente que se encontrava na loja ofereceu-se amavelmente para a levar a casa, mas ela recusou para não lhe sujar a carruagem com sangue.

As três meninas decidiram prosseguir a pé o resto do caminho para casa. Nem elas, nem as pessoas adultas que as tinham assistido, imaginavam a gravidade do ferimento. Após terem andado alguns metros, Ellen voltou a desmaiar e caiu no chão. A irmã e a colega tiveram de carregá-la o resto do caminho para casa. Durante três semanas esteve em coma profundo. Ninguém acreditava que ela iria escapar da morte a não ser a sua mãe.

Quando Ellen recobrou a consciência e se viu pela primeira vez ao espelho, ficou aterrada. A sua face estava completamente mudada. De tal maneira que o próprio pai, que estivera ausente noutra Estado, em viagem de negócios, não a reconheceu quando regressou. E perguntava mesmo aos outros filhos se ela era mesmo a sua filha Ellen. As outras crianças não se aproximavam dela como antes e até a evitavam. Tudo isto causou profundo pesar ao seu coração juvenil. Pôde compreender amargamente o quanto a aparência pessoal afecta as relações interpessoais. Voltou-se então para Jesus, a fim de encontrar conforto n'Ele. Como ela própria escreveu mais tarde: "Busquei o Senhor fervorosamente e recebi consolação. Eu acreditava que Jesus ainda me amava apesar da minha aparência." (*Spiritual Gifts*, vol. 2, págs. 10, 11.)

Durante dois anos foi-lhe impossível respirar pelo nariz. E quando voltou para a escola sentia-se tão fraca que não conseguia segurar firmemente uma caneta na mão. Os professores aconselhavam-na a desistir da escola até que ficasse totalmente restabelecida. Foi uma luta terrível a que teve de travar, pois o seu maior anseio era estudar.

Em Março de 1840, Guilherme Miller visitou Portland e apresentou uma

série de conferências sobre a segunda vinda de Cristo. Essas conferências produziram uma profunda impressão em todas as pessoas que a elas assistiram.

Na companhia dos pais, irmãos e amigos, Ellen assistiu a essas reuniões e ficou profundamente impressionada. No Verão seguinte, assistiu com os pais a uma reunião campal dos Metodistas, em Buxton, Maine. Nessas reuniões, ela ouviu um sermão sobre a justificação pela fé que deu paz à sua alma juvenil. Decidiu entregar-se a Jesus e ser baptizada. Esta sua decisão levou-a a enfrentar um dilema. Ela acreditava que a única forma bíblica de baptizar era por imersão e não por aspensão. Tentaram convencê-la, incluindo o pastor, de que para Deus não fazia qualquer diferença uma ou outra maneira. Mas ela insistiu na sua convicção e, então, o pastor aquiesceu em baptizá-la a ela, juntamente com mais 11 pessoas, por imersão, na Baía Casco, no domingo à tarde, 26 de Junho de 1842, tendo sido recebida na Igreja Metodista como membro.

Por volta deste tempo, Guilherme Miller voltou a Portland, para uma nova série de conferências sobre o segundo Advento. Esta segunda visita de Miller criou mais excitação na cidade do que a primeira. Com poucas excepções, as diferentes denominações fecharam-lhe

as portas. Isso, porém, não impediu que multidões o fossem ouvir, as quais apinhavam por completo o local das reuniões. A jovem Ellen aceitou por completo os ensinamentos de Miller, e com grande ardor dava testemunho a todos os seus amigos de que a vinda de Cristo estava próxima. Isso causou reacções antagónicas nos seus irmãos e irmãs metodistas. O antagonismo permaneceu de tal modo virulento que, em 1843, o conselho da Igreja Metodista, de Portland, onde ela e a família eram membros, decidiu eliminá-los, 7 no total, de membros da sua igreja, sob a alegação de serem na heresia do segundo advento de Cristo.

Com esta purga, os Harmons buscaram firmar-se melhor nas doutrinas bíblicas, especialmente a da proximidade do segundo advento de Cristo. Ellen, apesar de muito jovem, assistia e tomava parte em todas as reuniões.

Quando chegou o dia 22 de Outubro de 1844 e Jesus não veio como haviam esperado ardentemente, os crentes Milleritas, como eram então conhecidos, ficaram mergulhados num profundo pesar. Mas Deus que havia guiado este movimento não os abandonou na hora da sua maior angústia.

Em Dezembro desse mesmo ano, 1844, Ellen, então com 17 anos, encontrava-se em casa da irmã Haines. Ela e mais quatro irmãs mais velhas do que ela, mas todas ainda jovens, ajoelharam-se para orar após o culto matinal. Nessa ocasião o Espírito Santo desceu sobre Ellen e ela viu o povo do Advento a cami-

nhar sobre uma elevada plataforma a caminho da Nova Jerusalém. Jesus estava à porta recebendo-os e dando-lhes as boas-vindas à cidade. Esta foi a sua primeira visão. Durante o resto da sua vida, isto é, cerca de 70 anos mais, o Senhor deu-lhe cerca de 2.000 visões e sonhos para conforto, instrução e adomesticação do Seu povo.

Na altura da primeira visão, os Adventistas estavam mergulhados em grande perplexidade e divididos por pontos de vista doutrinários divergentes. Uns achavam que o cumprimento da profecia das 2.300 tardes e manhãs de Daniel 8:14 estava

cumprido em 22 de Outubro de 1844, e que deviam continuar a pesquisar as Escrituras para que Deus os iluminasse e fizesse compreender toda a verdade. Enquanto oravam e pesquisavam as Escrituras eram severamente desdenhados e ridicularizados. Foi um tempo de provas severas, em que qualquer que se denominasse Adventista era de imediato ridicularizado. Cumpriu-se parcialmente a profecia de Apocalipse 12:17.

Foi a estes que Deus, enviou Ellen, para os iluminar.

Tanto na primeira visão como na segunda, que se seguiu uma semana mais tar-

revelando às pessoas as santas verdades de Deus? O meu coração estremeceu de terror perante tal pensamento.” (*Ibid.*, pp. 69, 70.)

Perante tais receios, o Senhor confortou-a. Disse-lhe que teria de enfrentar grande oposição e sofrer angústia de espírito. Disse-lhe o anjo: “A graça de Deus te basta; Ele te sustentará.” (*Spiritual Gifts*, vol. 2, pág. 35.)

Um outro receio era o perigo de se exaltar. Ela receava que, tendo sido escolhida por Deus para realizar uma obra especial para Ele, pudesse vir a apoderar-se dela a exaltação. Então o anjo do Senhor respondeu-lhe: “As tuas orações foram ouvidas e serão respondidas. Se este mal que tu receias te ameaçar, a mão de Deus será estendida para te salvar; mediante aflicção Ele te atrairá para Ele e preservará a tua humildade. Apresenta fielmente a mensagem. Persevera até ao fim e comerás do fruto da árvore da vida e beberás da água da vida.” (*Life Sketches*, pág. 72.)

Encorajada por estas palavras, Ellen decidiu então ir e apresentar aos outros o que Deus lhe tinha revelado. Alguns aceitaram, mas outros voltaram-se contra o humilde e frágil instrumento humano, de 17 anos de idade.

Ellen casou em 30 de Agosto de 1846 com o jovem pastor Tiago White. Ao adoptar o sobrenome do marido, passou desde então a ser melhor conhecida por Ellen G. White. Enviuvou a 6 de Agosto de 1881. Esteve na Europa, onde visitou vários países: Suíça, Itália, França, Inglaterra, Dinamarca, Suécia e Noruega,

«A Palavra de Deus abunda em princípios gerais para a formação de hábitos correctos de vida, e os testemunhos [escritos por Ellen White], tanto gerais como individuais, visam chamar a atenção particularmente para esses princípios.»

Testemunhos Selectos, vol. 2, p. 279

ainda no futuro. Estes continuaram a marcar datas para a segunda vinda de Cristo. Outros achavam que o seu cumprimento estava no passado. Outros ainda achavam que se tinha cumprido em 22 de Outubro de 1844 e que Jesus tinha mesmo vindo nessa data, mas de modo espiritual e invisível. E que já estávamos a viver no reino de Cristo. Um pequeno grupo cria que o período das 2.300 tardes e manhãs se havia realmente

de, o Senhor insistiu com ela: “Vai e faze saber a outros o que te revelei.” (*Life Sketches*, pág. 69.) Sobre esta ordem divina, ela escreveu: “Parecia-me impossível realizar esta tarefa que me era apresentada; tentar realizá-la significava ter de enfrentar fracasso certo. As dificuldades que a acompanhavam pareciam superiores ao que podia suportar. Como podia eu, uma criança em anos, ir avante de lugar em lugar,

de 1885 a 1887. E na Austrália de 1891 a 1900. Quando regressou da Austrália para os E.U.A. foi viver os últimos anos da sua vida em Elmshaven, na Califórnia, não muito distante de Loma Linda. Aí faleceu em 16 de Julho de 1915. O seu corpo foi transportado de comboio para Battle Creek, Michigan, onde foi sepultada junto a seu marido no cemitério de Oak Hill.

Não muito tempo antes da sua morte, em 23 de Outubro de 1907 ela escreveu o seguinte: “Abundante luz tem sido comunicada ao nosso povo nestes últimos dias. Quer a minha vida seja poupada ou não, os meus escritos falarão sem cessar, e a sua obra irá avante enquanto o tempo durar. Os meus escritos são conservados em arquivos nos escritórios, e mesmo que eu não deva continuar a viver, essas palavras que me têm sido dadas pelo Senhor terão vida e ainda falarão ao povo. As minhas forças, porém, ainda são poupadas, e espero continuar a fazer muito trabalho útil. Talvez eu viva até à vinda do Senhor; se assim não for, porém, confio que seja dito a meu respeito: ‘Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os sigam’ (Apoc. 14:13).” (*Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pp. 55, 56.)

As suas últimas palavras no leito de morte, dirigidas a seu filho William, foram: “Eu sei em quem tenho crido.” “Deus é amor”. “Ele dá aos Seus amados o sono.” (*Life Sketches*, p. 449.)

Conclusão

É difícil acreditar que uma jovem de 17 anos estivesse imbuída de tão má-fé, que se dispusesse a desempenhar toda uma farsa durante o resto da sua longa vida.

Por outro lado, como explicar o cumprimento exacto das suas predições e afirmações médico-científicas, feitas há mais de um século e hoje plenamente confirmadas, se não fora o Espírito de Deus a actuar nela?

O objectivo da sua obra foi chamar a atenção do povo de Deus, nos últimos dias, para as verdades bíblicas, sobretudo as mais negligenciadas e desprezadas, tais como a justificação pela fé, a proximidade da segunda vinda de Cristo, a observância dos mandamentos de Deus e os princípios bíblicos de um viver saudável.

Satanás tinha ofuscado de tal modo estas verdades bíblicas que os próprios cristãos professos, alguns deles sinceros e verdadeiros, as desconheciam e/ou desprezavam completamente. Não querendo que fossem redescobertas opôs-se tenazmente à obra do humilde instrumento humano que Deus designara para realizar essa obra. Foi por isso que ela escreveu: “O último engano de Satanás será no sentido de tornar de nenhum efeito o testemunho do Espírito de Deus.” — (*Carta 12*, 1890.)

Manuel Nobre Cordeiro é pastor da igrejas de Aveiro e dos grupos de Albergaria-a-Velha e Pedralva, sendo também o responsável pelo Serviço do Espírito de Profecia na nossa União.



«Não Dirás Falso Testemunho!»

Paulo e André eram os melhores amigos do mundo: tinham a mesma idade, moravam perto, andavam na mesma escola e brincavam muitas vezes juntos. Mas um dia essa amizade sofreu um duro golpe.

Paulo recebera uma bela moeda de prata, que tinha muito valor por ser uma moeda comemorativa. Ora, assim que o amigo foi lá a casa, para brincarem juntos, a primeira coisa que o Paulo fez foi mostrar-lhe a sua linda moeda. André observou-a e achou-a muito bonita. E Paulo colocou-a em cima da cómoda do seu quarto e os dois foram brincar. Mais tarde, quando o André se ia embora, o Paulo disse-lhe:

— Olha, vou contigo até ao fim do quartirão. Espera, que vou só guardar a minha moeda!

De repente, o Paulo gritou:

— Onde puseste a minha moeda, André?

— Em lado nenhum! Foste tu que a guardaste!

— Deixa-te de brincadeiras! Eu sei bem que tens a minha moeda de prata! Guardaste-a na algibeira!

— Não guardei! Já disse que não a tenho!

— Então roubaste-ma!

— Não roubei nada! Nem mexi nela depois que ta dei!

— Roubaste-a, sim senhor. Mostra já as algibeiras! Tu tens a moeda. Roubaste-ma!

Mas André já não o ouvia. Tinha saído que nem uma seta, quase a chorar, e foi de encontro à mãe de Paulo, que vinha precisamente a chegar:

— Espera, André! Onde vais? Que gritaria é essa?

— Ele roubou a minha moeda, disse o Paulo, que vinha atrás de André. Eu mostrei-lha, e depois coloquei-a em cima da cómoda e agora não está lá!

— Está noutro lugar. Vamos procurar. Ela tem de estar em qualquer lado. Se calhar, caiu para trás da cómoda.

— Não caiu. Ele roubou-a!

— Não roubei, disse o André já incapaz de sustar as lágrimas.

— Eu sei que tu não roubaste, André. Olha lá, Paulo, tu não puseste nada em cima da cómoda? Não mexeste em nenhum livro?

De repente, Paulo lembrou-se:

— Sim, estivemos a ver um livro de gravuras!

A mãe do Paulo retirou o livro da estante e sacudi-o um pouco e, coisa surpreendente... a moeda caiu! Estava dentro do livro!

— Eis o que se chama um falso testemunho! Afirmaste que o teu amigo André tinha feito uma coisa, e uma coisa feia, e ele não o fez! Se alguém que não conhecesse o André ouvisse isso, poderia ter má impressão dele. E agora, Paulo? O que vais fazer?

— Eh, pá, tu desculpa! disse o Paulo, envergonhado.

— Pronto! Não se fala mais nisso! respondeu o André.

Mas eu vou dizer-vos uma coisa: o André ficou muito magoado com o Paulo e foi preciso algum tempo para que essa ferida sarasse completamente.

M. R. Baptista

Caldas da Rainha-Cadaval: Campanha das Missões 1992

Foi no passado dia 3 de Maio que os Tições e Desbravadores da igreja de Caldas da Rainha se juntaram aos do Cadaval para levarem a efeito a sua Campanha das Missões 1992.



Deslocámo-nos a duas aldeias perto do Cadaval — Póvoa e Rocha Forte — onde 20 juvenzinhos recolheram para as missões cerca de 7.000\$00. Mas é o seguinte aspecto que justifica esta notícia, de outro modo banal: esta foi a primeira experiência do género para muitas das crianças que nela participaram, tanto de Caldas como do Cadaval. Algumas frequentam os nossos clubes de actividades juvenis somente há cinco meses, na sequência da última Escola Cristã de Férias.

O nosso desejo é que a sua experiência com Cristo seja sempre marcada por um serviço desinteressado, prova genuína de um verdadeiro amor pelo Mestre.

Luis Nunes
Pastor das igrejas de Caldas e Cadaval



Esta foi mais uma agradável ocasião que marcou a história da nossa igreja, a qual se vem assumindo cada vez mais como um centro missionário de saudável

convívio, unida na sua vocação evangelística.

Luis Nunes
Pastor de Caldas e Cadaval

Lisboa Central: 6 Baptismos

Pela lei da colheita-sementeira, sabe-se que para colher temos primeiramente de semear. Na nobre e inédita experiência do Evangelho, porém, primeiro disfrutamos as bênçãos da colheita, que por sua vez resultam numa sementeira.

Quando Eva e Adão pecaram, Deus procurou-os já com a bênção da salvação, confortando-os, consolando-os, provendo às suas necessidades daquele momento e assegurando-lhes a certeza da vitória radical sobre o pecado. Es-

ta experiência repete-se cada vez que o Espírito Santo — o Consolador — encontra guarida numa alma. O pecador primeiro experimenta as bênçãos do perdão e da salvação em Cristo, e logo se transforma num disseminador das boas novas da salvação em favor dos outros.

No Dia Mundial de Baptismos — 30 de Maio —, quando na igreja de Lisboa, assim como deve ter acontecido noutras igrejas, se colhiam simbolicamente os frutos do Evangelho, ao ver 6 almas que se



Caldas da Rainha: Convívio Cristão de Crentes e Visitas

Procurando desenvolver a união da igreja e num espírito de confraternização cristã, a sociedade de jovens da igreja das Caldas da Rainha levou a efeito uma excursão referente ao primeiro semestre de 1992, a qual teve lugar no dia 5 de Abril deste ano.

Ultrapassando todas as espec-

tativas, mais de metade dos 72 participantes eram visitas que desde há alguns meses vêm frequentando a nossa igreja. No programa estava incluída uma visita à igreja central de Lisboa, a Cascais e Planetário, onde nos apresentaram com duas horas magníficas de "viagem interestrelar".



Os seis novos irmãos e irmãs que no Dia Mundial de Baptismos, 30 de Maio, selaram o seu pacto com Deus.



A igreja expressa muita alegria e carinho aos neófitos em Cristo.

baptizavam, isso redundou numa abundante e promissora sementeira: 11 pessoas responderam ao apelo de entrega a Cristo e de se baptizarem. É de salientar que tanto os que se baptizaram como os que responderam ao apelo são, na sua maioria, jovens já inseridos nas actividades da igreja, incluindo o clube de desbravadores.

Vemos assim que se para se co-

lher é preciso semear, a cerimónia baptismal, além de ser uma colheita, é uma oportunidade evangelística que lança a semente no bom terreno, a qual dará o seu fruto "uma cem, outra a sessenta e outra a trinta" (Mat. 13:8).

Joaquim Dias

Pastor da igreja central de Lisboa

Sernancelhe e Moimenta da Beira

Um grupo de membros que se juntam todos os sábados para louvar ao Senhor em Sernancelhe resolveram melhorar a sala de culto e a sala dos jovens. A ideia é que com instalações mais apresentáveis, a nossas visitas se sentirão

bem entre nós. Vamos começar as obras com a ajuda da União e dos próprios membros, mas, como se sabe, isso não é tudo. Oramos a Deus para que Ele nos conceda o Seu auxílio, pois só assim poderemos levar avante esta obra.

Moimenta da Beira:

1.º Acampamento «Vilar 91»

Foi na linda barragem do Vilar que se juntaram Companheiros, Desbravadores, Tições e visitas para o primeiro acampamento "Vilar 91" dos irmãos desta zona.

O dia de Sábado foi passado com a natureza e louvando a Deus. No domingo, tivemos umas mini-olimpíadas e aprendizagem de canoagem. Foi um fim-de-se-

mana saudável, alegre, com participação de todos, ficando entre os presentes uma grande amizade. Vamos, neste ano de 1992, repetir a experiência, convidando mais participantes...

Eduardo Sancho

Grupos de Sernancelhe e Moimenta da Beira

Assembleia da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia

1-4 de Julho de 1992

Lema: «*Pelo Seu Espírito*»

PROGRAMA

Quarta-feira, 1 de Julho

19.00 h — Reunião da Comissão Preparatória
21.00 h — Sessão de abertura

Quinta-feira, 2 de Julho

8.30 h — Culto Matinal — Pr. U. Frikart
9.30-12.30 h — Relatórios
13.00-15.00 h — Intervalo
15.00-18.30 h — Trabalhos da Assembleia
21.00 h — Reunião Pública — Pr. E. Ludescher

Sexta-feira, 3 de Julho

8.30 h — Culto Matinal — Dr. Samuel Ribeiro
9.30-12.30 h — Trabalhos da Assembleia
13.00-15.00 h — Intervalo
15.00-18.30 h — Trabalhos da Assembleia
21.00 h — Consagração ao Ministério de Emanuel Paulo Mendes

Sábado, 4 de Julho

9.45 h — Cânticos
10.00 h — Escola Sabatina
11.15 h — Culto Solene — Pr. E. Ludescher
15.00-17.30 h — Programa Espiritual
18.00 h — Encerramento da Assembleia

Reuniões durante a Semana:

AUDITÓRIO ADVENTISTA
Rua Joaquim Bonifácio, 17 — Lisboa

Reuniões de Sábado:

COLISEU DOS RECREIOS
Rua Portas de Sto. Antão — Lisboa